

“Eu gosto de compartilhar o que sinto”: sobre as apropriações de *smartphones* na construção de narrativas afetivas em ambientes virtuais ¹

Romulo TONDO ²

Sandra Rubia da SILVA ³

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS

Resumo

A construção e manutenção de redes de sociabilidade na sociedade contemporânea podem ser compreendidas através dos usos e das apropriações dos dispositivos eletrônicos. Nesse cenário, os telefones celulares ganharam destaque devido ao alto índice de consumo por diferentes faixas etárias e classes sociais. Sendo assim, o *smartphone* tornou-se um objeto tecnológico socialmente consumido e apropriado para as mais diversas construções. Este texto pretende articular como os *smartphones* são apropriados pelos jovens de um bairro popular de Santa Maria (RS) na manutenção das redes sociais, no compartilhamento das afetividades, considerando o dispositivo como uma tecnologia afetiva (LASSEN, 2004). Nessa perspectiva, os telefones celulares são compreendidos como dispositivos híbridos (LEMOS, 2007) capazes de fomentar as experiências de conexão *offline* e *online* de seus proprietários criando desta forma uma cadeia afetiva entre suas redes de sociabilidade.

Palavras-chave: Afetos, Consumo, Juventude, Tecnologia Afetiva, *Smartphones*

*“A razão é como uma equação
De matemática... tira a prática
De sermos... um pouco mais de nós!
Que o teu afeto me afetou é fato
Agora faça me um favor...”*

Fernando Anitelli

Introdução

Este artigo objetiva analisar a manutenção e construção afetiva de jovens a partir de seus telefones celulares no site da rede social Facebook, considerando os dados obtidos em uma pesquisa etnográfica⁴ desenvolvida com jovens moradores do Jardim Aurora, bairro popular da cidade de Santa Maria, Rio Grande do Sul. Para isso, resgatamos o conceito de

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Culturas Urbanas do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Comunicador Social. Especialista em Políticas e Intervenção em Violência Intrafamiliar. Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFSM. Bolsista CAPES. E-mail: romulotondo@gmail.com

³ Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFSM. Mestre em Comunicação e Informação pela UFRGS e doutora em Antropologia Social pela UFSC. E-mail: sandraxrubia@gmail.com

⁴ O estudo em questão trata-se de uma investigação de mestrado que busca compreender o consumo de *smartphones* por jovens de um bairro popular de Santa Maria, a partir de uma aproximação entre o campo da Ciência da Comunicação e da Antropologia. Desta forma, optou-se pelo estudo etnográfico como proposta investigativa que possibilita os investigadores compreender o fenômeno estudado através da imersão no campo, para, desta forma, estudar o consumo a partir das experiências dos jovens que colaboram com esta pesquisa.

tecnologia afetiva apresentada pela socióloga Amparo Lasen (2004; 2005), e como esse objeto pode ser construído a partir dos usos e apropriações de seus usuários. Nessa perspectiva, os afetos (re)construídos a partir dos telefones celulares de última geração, os *smartphones*, podem ser apresentados através de arquivos digitais multimídia disponíveis na memória, resgatados e compartilhados a partir desse dispositivo para o site de rede social em formato de imagem, texto, som e vídeo. Nessa perspectiva, o telefone celular com a evolução das tecnologias tornou-se um “dispositivos híbridos móveis de conexão multirrede” (LEMOS, 2007).

Na primeira parte do artigo é apresentada a crescente demanda pela posse de telefones celulares no mercado brasileiro através da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 2013, que mostra o consumo de Internet, televisão e a posse de telefones celulares para uso pessoal entre os anos de 2005 e 2013. Em seguida abordamos algumas visões sobre as juventudes e investigações que abordam essa categoria relacionada ao consumo de tecnologias no cenário brasileiro. Tendo em vista tais esclarecimentos, apresentamos o conceito de tecnologia afetiva (LASSEN, 2004; 2005) para que em seguida possamos demonstrar através de dois casos etnográficos como o *smartphone* é capaz de afetar a vida dos jovens moradores do bairro Jardim Aurora através do compartilhamento de informações construídas a partir de experiências cotidianas e convertidas em experiências virtualizadas em uma rede social digital.

O consumo de telefones celulares no Brasil entre os anos de 2005 e 2013

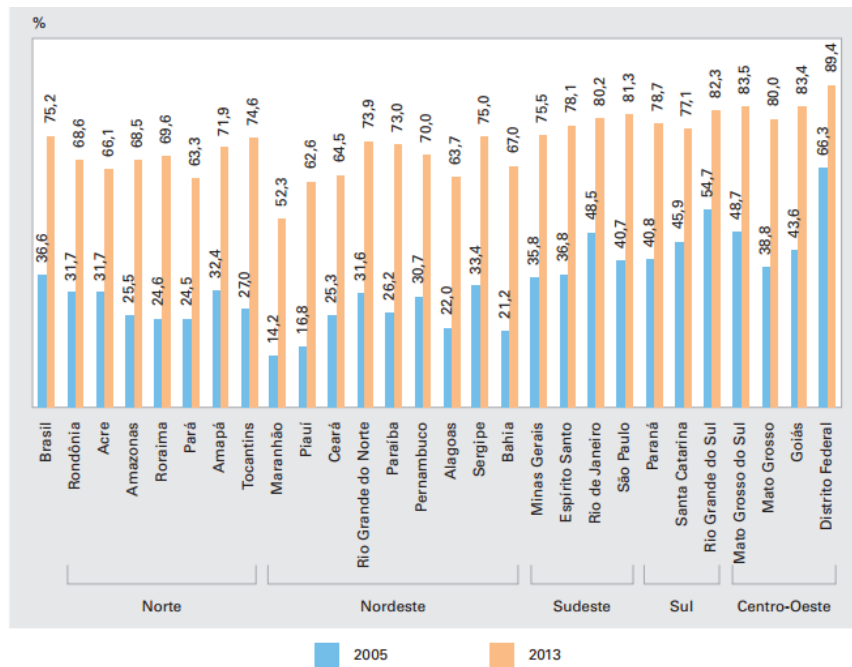
O Brasil terminou o mês de abril de 2015 com 283,5 milhões de celulares⁵ ativos. A demanda de telefones celulares cresce desde a entrada do dispositivo móvel no mercado brasileiro, no início da década de 1990. A posse do telefone celular para uso pessoal mapeado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) através da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) 2013⁶ averiguou o consumo de Internet, televisão e a posse de telefone celular entre os anos de 2005 e 2013, tendo como base os dados coletados através da PNAD 2005 e 2008 elaboradas através de suplemento e a partir de 2009 passando a integrar o corpo básico da pesquisa desenvolvido pelo IBGE (BRASIL,

⁵ Os dados apresentados aqui são atualizados mensalmente no site da TELECO e podem ser consultados através da página <<http://www.teleco.com.br/ncel.asp>>. Último acesso em: 25.mai.2015.

⁶ A amostra da PNAD 2013 compreende um segmento composto por 148.697 domicílios e 362.555 pessoas entrevistadas em todos os estados brasileiros tendo como base o Censo Demográfico do ano de 2010. Os dados analisados na PNAD são análises que levam em consideração um elenco de variáveis consideradas principais e comparadas com dados nas pesquisas realizadas nos anos de 2005, 2008 e 2011.

2015). Entre os anos de desenvolvimento da pesquisa, 2005 e 2013, o crescimento da posse de telefone celular no país foi de 131,4%, ou seja, estimava-se que 130,2 milhões de pessoas passaram a incorporar o telefone celular em suas vidas. Em 2013, Distrito Federal, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Rio Grande do Sul e São Paulo apresentavam índices superiores a 80% da população. Entretanto, o cenário da posse de telefones celulares para uso pessoal em estados como o Alagoas, Ceará, Piauí, Maranhão, Pará, apresentavam índices inferiores a 65%. Nesse panorama, a região Centro-Oeste apresentou a maior concentração de pessoas com telefones celulares 83,8%, seguida da região Sul com 79,8% e Sudeste com 79,5%.

Gráfico 1 - Percentual de pessoas que tinham telefone móvel celular para uso pessoal, na população de 10 anos ou mais de idade, segundo grandes regiões e as unidades federativas - 2005/2013.



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2005/2013.

Nesse cenário, também foi possível observar o índice de posse de telefones celular por faixa etária. A PNAD 2013 mostra que o percentual de detentores de aparelho móvel celular para uso pessoal crescia com o aumento da idade entre os grupos mais jovens, partindo de 49,9%, na faixa de 10 a 14 anos de idade, e atingindo 87,3% no grupo com idade entre 25 e 29 anos. Entre aqueles de 35 anos ou mais de idade, foi possível averiguar um decréscimo das proporções chegando a 85,9%. No grupo de pessoas com 55 anos e 60 anos ou mais de idade houve um aumento significativo devido ao envelhecimento dos sujeitos no decorrer

dos oito anos analisados pela pesquisa. Nessa proporção, podemos pensar em um amadurecimento de acesso aos telefones celulares em diferentes faixas etárias pela população brasileira.

Gráfico 2 Percentual de pessoas que tinham telefone celular para uso pessoal na população de 10 anos ou mais de idade, por grupos de idade.



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa nacional por Amostra de Domicílios 2005/2013.

Pode-se observar que o consumo de telefones celulares em Santa Maria também está em expansão. Na pesquisa em questão, iniciada em março de 2014, e com a participação de 43 jovens provenientes de duas comunidades populares de Santa Maria, o Jardim América e o Jardim Aurora, quase que em sua totalidade, os jovens possuíam um telefone celular - *smartphone*, sendo apenas um jovem que não possuía o telefone celular por sua opção, o motivo apontado pelo jovem na ocasião era poder sair na comunidade sem ser rastreado pelos pais durante os horários que não encontrava-se em casa. No entanto, podemos perceber que o uso de telefone celular nesta comunidade não é somente um exercício de consumo realizado pelos adolescentes e jovens, muitos adultos que trabalham em outros bairros utilizam-se do telefone celular para entrar em contato com os filhos quando esses estão em casa. Essa prática é corriqueira quando parte das mulheres da comunidade também trabalham e deixam os filhos sozinhos em casa, desta forma o telefone celular torna-se um

“cordão umbilical digital” (CASTELLS ET ALL, 2007) permitindo que essas mães saibam o que está ocorrendo com seus filhos.

As juventudes e o consumo tecnológico

Durante muito tempo o jovem era considerado uma espécie de criança grande (ARIÈS, 1981). O estereótipo do adolescente era o de um sujeito tímido, com espinhas, com hábitos peculiares e antissociais. Esses adjetivos que representavam a adolescência foram abandonados e transformados em um modelo de liberdade e beleza. O modelo proposto aos jovens na atualidade corresponde ao usufruir de toda a ousadia da vida idealizada durante a adolescência sobre a fase adulta e ainda sim é resguardado da maioria das responsabilidades dos adultos (KEHL, 2004). Bourdieu (1983, p.113) em “A ‘juventude’ é apenas uma palavra” questiona a categoria juventude sendo essa uma construção social arbitrária, tendo em vista que esta noção está sempre relacionada à idade de outro, ou seja, “somos sempre o jovem ou o velho de alguém”. Para Rocha e Pereira (2009) há, pelo menos, duas formas de compreender a noção de juventude. Primeiramente, é a forma que parte das diferenças que a compõe e se apresenta através de movimentos culturais e sociais que abrangem um espaço significativo no campo da vida social moderno-contemporânea. E a segunda noção, trata a juventude como um fenômeno social, que é reflexo e produto do imaginário coletivo. Essa juventude é composta por um conjunto de valores que influencia o modo com que as pessoas de todas as faixas etárias consomem, tanto ideais como produtos. Em um cenário que tem como realidade a onipresença dos meios de comunicação e das representações, a juventude também acaba emergindo como um valor. O consumo e a produção se juntam para constituir a utopia do ser jovem em qualquer idade. Quando pensamos em juventude não podemos deixar de pensar nas tecnologias. Freire Filho e Lemos (2008) afirmam que existe um rótulo geracional para além dos jovens. Esse rótulo apresenta as pessoas nascidas depois da década de 1980 com uma curiosidade, confiança e destreza única quando o assunto é a utilização de computadores, de internet e de *smartphones*. Hoje a juventude pode ser apresentada como sujeitos que possuem uma destreza com os novos aparatos tecnológicos. Freire Filho e Lemos (2008, p.18) nos trazem constatações que indicam que essa representação não pertence somente às juventudes do século XXI, mas sim a uma construção iniciada na década de 1980. “A identificação da ‘cultura tecnológica’ como uma ‘cultura juvenil’

remonta à década de 80, quando surgiram os computadores pessoais, os videogames e a internet”.

Castro (2012) ao realizar uma pesquisa com jovens percebeu a forte presença das telas de TV, computadores, jogos, celulares, *tablets*, mp3, GPS⁷. Para a autora, esses objetos funcionavam como próteses sensoriais e identitárias. O cotidiano de uma parcela massiva de adolescentes é permeado por longas horas de interação com conteúdo advindo de uma ou mais telas, e esses sujeitos geralmente estão em contato com suas redes de afinidade por meio da internet e de outras telas. Em sua análise, a autora, destaca o entrelaçamento das fronteiras entre trabalho e lazer, ócio e tempo produtivo, pois o jovem é privilegiado por poder acessar diversos sites e fazer múltiplas conexões ao mesmo tempo. Para Castro (2012) há tempos o consumo e as tecnologias convivem em uma espécie de pacto de cumplicidade e retroalimentação, que estão sempre andando juntos. Em alguns círculos juvenis mostrar um celular, o *tablet* ou o *game* que não seja de última geração tem como resultado a desaprovação e até mesmo a exclusão do círculo. A tecnologia atualmente está tão rápida, que hoje podemos comprar um *smartphone* de última geração e no próximo mês ele já se tornou obsoleto; o descarte rápido de peças e equipamentos hoje é estimulado com o lançamento contínuo de novas versões de um mesmo produto (CASTRO, 2012).

Barros (2012), em uma pesquisa etnográfica realizada com jovens moradores nas favelas de Santa Marta e Vila Canoas no Rio de Janeiro, apresenta o uso de tecnologias em três contextos, na sociabilidade dos jovens no universo dos jogos digitais em espaço de *lan house*, na elaboração da plataforma digital do *wikimapa* e em algumas apropriações relativas aos usos do telefone celular por esses jovens. Neste contexto, os jovens vivenciam experiências no “espaço da lan como um clube local” (BARROS, 2012, p.102), fortalecendo o que a autora aponta como uma prática de sociabilidade em atividades compartilhadas entre esses jovens. A autora relata que os meninos costumam gastar um menor tempo nas redes sociais digitais e utilizar maior parte do tempo nos games de estratégia online, como o caso do jogo *World of Warcraft* (WoW). Já as meninas ficam em média um tempo inferior aos meninos conectadas à Internet e ocupam o tempo para navegar nos sites de rede social. (BARROS, 2012, p.104). Sobre a sociabilidade juvenil masculina nas *lan houses*, a autora destaca que o compartilhamento de computadores é algo comum entre esses jovens como estratégias para melhor desempenho no jogo digital. Nessas circunstâncias, a autora acredita que exista um deslocamento do uso individual do *personal*

⁷ GPS é a sigla de *Global Positioning System* que significa Sistema de Posicionamento Global, em português. Criado em 1973 para facilitar os sistemas de navegação. Na atualidade, alguns aplicativos sociais utilizam-se do GPS para identificar

computer que torna-se “como uma espécie de ‘computador pessoal compartilhado’” (BARROS, 2012, p. 105). Já o wikimapa, um mapa digital colaborativo de conteúdo aberto, os moradores através de seus telefones celulares tinham como objetivo de mapear e sinalizar através de um aplicativo os principais pontos de suas comunidades. Esse projeto apresenta os principais pontos das favelas do Rio, tendo em vista que a maioria dos serviços de GPS não apresenta mapeamento de lugares que ocupam as áreas de favelas. Na época, os jovens que participavam do Wikimapa utilizavam-se de um telefone celular fornecido pelo projeto para mapear as localidades. Segundo Barros (2012) o caso da Wikimapa da Santa Marta merece destaque por apresentar um caráter de “‘inclusão social’ de parcelas ‘marginalizadas’ da população” (BARROS, 2012, p.109), sendo o principal objetivo desta construção colaborativa dar visibilidade aos territórios até então tidos como “invisíveis”. Outro aspecto, descrito por Barros (2012), é a utilização dos telefones celulares como objetos de trocas entre os moradores de camadas médias e camadas populares. Nesse contexto, Barros (2012) é traçado um paralelo entre os celulares de usuários de camadas médias, que muitas vezes após a compra de um novo aparelho celular deixam o antigo dispositivo guardado, inutilizando o aparelho, enquanto os usuários de camadas populares utilizam o dispositivo como um bem para troca e ou venda, aumentando assim a circulação do objeto e também o número de donos. Já para os jovens muitas vezes a troca de um celular entre membros da família poderia significar que o celular antigo dessa pessoa poderia ser seu.

Em Santa Maria, mais precisamente entre os jovens da pesquisa, foi possível observar que o consumo do telefone celular, em especial do acesso à Internet, não se restringe ao espaço das residências. Alguns jovens buscam através da internet móvel, utilizando-se da tecnologia 3G, criar uma conexão ininterrupta de suas experiências virtuais. Compartilham suas práticas cotidianas em redes virtuais e entre seus amigos, seja utilizando-se da conexão com a Internet, ligações e envio de mensagens de texto ou multimídia. Nessas situações, a questão do pertencimento e da sociabilidade através das múltiplas conexões do celular apresentam um fator importante na vida dos jovens. A juventude, em especial a adolescência, é uma fase em que os sujeitos desenvolvem a sua identidade e senso de autoestima e as tecnologias se tornaram parte intrínseca da vida cotidiana desses sujeitos, agindo como uma tecnologia afetiva e auxiliando no processo de emancipação desses sujeitos diante das construções afetivas no âmbito online e offline.

Smartphones: um dispositivo, infinitas possibilidades afetivas online e offline

A construção e manutenção de redes de sociabilidade na sociedade contemporânea podem ser compreendidas através dos usos e apropriações dos dispositivos eletrônicos, em especial dos telefones celulares, que ganham um lugar de destaque diante de outros objetos tecnológicos presentes no dia a dia de muitos brasileiros. Em muitos casos, o telefone celular é a única forma de conexão entre familiares sendo responsável por mediar muitas vezes o cotidiano entre as pessoas em momentos distintos do dia a dia. (LING, 2004; CASTELLS ET ALL, 2007; WINOCUR, 2009). Nessa perspectiva, Lasen (2004) constrói a ideia do telefone celular como um catalisador da experiência de comunicação, na qual as emoções são expressas através de comunicação verbal e não verbal, esclarecendo que o telefone celular cumpre mais que a função multimídia, mas sim uma função multissensorial revelando desta forma a percepção das funcionalidades do dispositivo quanto ao uso e apropriação de seus usuários (LASSEN, 2004, p.5). Um exemplo comum dentro da atividade de campo, e também usado pela autora, é o uso dos sons para evidenciar a chamada de uma pessoa, o telefone vibrar ao receber uma mensagem de texto de um conhecido, o envio de vídeos e imagens em conversas pelo whatsapp. Essas trocas de informações através de mídias digitais (áudio, fotos, vídeos) transformam as conversas entre os usuários em interações afetivas repletas de sensações que podem oscilar entre sentimentos bons e ruins. A pesquisadora contrapõe a ideia que os telefones celulares são unicamente apropriados por seus donos para potencializar sentimentos bons, evidenciando a perspectiva da utilização da tecnologia afetiva também como algo ruim entre as relações interpessoais, facilitando exposição de sentimentos negativos como a raiva, o ódio, a angústia e a ansiedade. Nesse sentido, podemos evidenciar que o telefone celular apresenta um caráter de micro-ordenador da vida cotidiana (LING, 2004), seja na construção da subjetividade do seu dono e também na manutenção e construção das redes de sociabilidade, demonstrando que essa tecnologia pode ser estudada através das afetividades seja através da perspectiva do conteúdo presente dentro do dispositivo, na customização da sua interface e exterior através das capas e demais objetos agregados. Da mesma forma, que a tecnologia afetiva é capaz de fomentar a manutenção das relações presentes na vida cotidiana, como na construção de vínculos afetivos somente mediados pelo celular e das redes sociais digitais.

A utilização dos telefones celulares significa também o que Castells e outros pesquisadores (2007), chamam de m-etiqueta, regras de utilização do telefone celular. Tais regras fazem com que o sujeito crie uma readequação de suas práticas sociais,

principalmente em uma esfera pública, já que muitas vezes, o caráter da utilização do telefone celular pode potencializar as emoções. No entanto, Lasen (2004) acredita ao longo de nossas experiências aprendemos a controlar e esconder nossos sentimentos diante de situações que venham a se tornar embaraçosas ou inadequadas. Por isso, muitas vezes, o sujeito pode ser mal interpretado, caso desconheça estes códigos de que lhe farão ter acesso a uma etiqueta mobile. Lasen (2004) aponta que as etiquetas são adaptadas e que é mais recorrente a visualização de ligações com uma tonalidade afetiva, do que tristezas e constrangimentos. No entanto, a pesquisadora relata que também foi possível perceber que,

os usuários de telefones celulares já estão utilizando seus telefones para comunicar o estado de espírito de um lugar pela conversa e também pelo envio de imagens e textos de estádios de futebol, locais de concertos, clubes, resorts de férias, salas de aula e escritórios, ou manifestações públicas. Novas aplicações, tais como 'Bluetooth' poderia melhorar este tipo de comunicação e abri-lo para aqueles cujos números de telefone não estão em nossa agenda de telefones (LASEN, 2004, p.4).

Isto permite pensar no quanto ao uso de recursos do dispositivo para captar ações e emoções no presente momento que elas ocorrem. Castells (2007) observa que a câmera fotográfica dos telefones celulares tornou-se alvo de constantes críticas sobre a proposição e utilização destes recursos por sujeitos em diferentes partes do mundo. O autor traz três exemplos de ações que ocorreram no Japão com a popularização deste *gadget*, mas que pode ser observado em qualquer país inserido no mercado de bens de consumo. O primeiro deles foi a utilização da câmera para tirar foto das peças íntimas das mulheres que utilizam saias ou até mesmo em casas de banhos públicas sem autorização dos indivíduos que estavam no local. O segundo foi o que chamado “*digital shop-lifting*” (CASTELLS ET AL, 2007, p. 118), em outras palavras, a utilização da câmera fotográfica para captar imagens de produtos que possuem direitos autorais. Para o autor, a maioria das vezes, foi utilizada para fotografar o conteúdo das revistas diminuindo o número de exemplares vendidos. A terceira e última é a utilização da câmera do celular como prática ofensiva: “usá-la como uma ferramenta de coerção, muitas vezes acompanhada de atos de violência” (CASTELLS ET ALL, 2007, p.118).

Experiências conectadas: micromemórias como narrativas afetivas

As experiências em sites de rede social compartilhadas pelos jovens podem ser compreendidas como micromemórias narrativas permeada da constante construção e compartilhamento das vivências cotidianas resgatadas através de fotografias, montagens,

vídeos e demais dados digitais resgatados da memória de seus *smartphones*. Muitos desses jovens costumam compartilhar os (des)afetos que ocorrem em suas vidas em espaços virtuais, não somente em sites de rede social, mas também em espaço que possibilitem a narrativa de suas vidas. Para os jovens do Jardim Aurora, aqui apresentados através das experiências virtuais de Laura (21 anos) e Icaro (17 anos), mostram que o site de rede social Facebook é um dos principais espaços virtuais na atualidade que permite que sejam expostas suas experiências de forma privilegiar somente seus amigos e conhecidos. Suely Fragoso, Raquel Recuero e Adriana Amaral (2013) apontam que ao estudarmos redes sociais online devemos pensar que apesar do site possuir uma estruturação estática, pré-determinada através da programação, a construção da rede está em constante movimento. “Desta modo, redes sociais na Internet apresentam comportamentos imergentes com frequência, como a propagação de memes, a cooperação, a adaptação e a auto-organização, bem como o aparecimento de mundos pequenos e *clusters*” (FRAGOSO, RECUERO e AMARAL, 2013, p. 126). Nessa perspectiva, os fragmentos do cotidiano desses jovens são incorporados no site de rede social Facebook criando uma narrativa através de fotografias, vídeos e músicas. As fotografias ganham destaque nessas narrativas pessoais, e também coletivas, no site de rede social pois são elas que possuem um apelo emocional, capaz contar momentos pessoais e ao mesmo tempo reviver experiências já esquecidas, resgatando dessa forma uma construção de memória. Para Norman (2008, p.70), a fotografia possui o poder de transportar o sujeito do tempo presente para um tempo já vivenciado, trazendo da memória um acontecimento socialmente relevante.

Laura, 21 anos, é mãe de uma criança de um ano. Utilizou do recurso da câmera fotográfica presente no seu telefone celular, modelo *Samsung Duos*, para capturar imagens do seu filho desde os primeiros dias de vida para que fosse possível construir um vídeo com as fotos do menino ao completar seu primeiro ano de vida.

Meu filho Davi vai completar um ano. Fiz um vídeo com as fotos que tirei dele durante este ano e montei o vídeo em um aplicativo que baixei. Ele é super fácil de fazer, fui colocando as fotos e depois coloquei uns efeitos. Acho que é uma forma de mostrar o quanto eu o amo. Ele é coisa que mais amo na vida, tenho bastante paciência com ele, mas só com ele. Com outras crianças eu não tenho paciência. No dia do aniversário dele eu posto no Facebook e todos meus amigos vão curtir. Ele é muito especial para mim (Laura, 21 anos).

Ao mesmo tempo em que Laura constrói uma narrativa sobre os principais momentos de Davi através de uma montagem de fotografias compartilhadas no site de rede social Facebook, a jovem aponta que o vídeo será curtido pelos seus amigos e demais

membros que compõem sua rede social. Comenta que as publicações de fotos e vídeos são uma forma de retratar suas experiências e demonstrar um pouco de carinho com aqueles que a cercam para os membros do site, mas que as curtidas são uma forma também de “levantar a autoestima”.

Postei uma foto com a minha mãe como demonstração de carinho que tenho por ela. Minha mãe é especial, amo ela. Quando publicamos uma foto no Facebook tem um monte de pessoas que comentam que a gente é gata e curtem a publicação. Isso é bom, aumenta minha autoestima. Gosto de compartilhar o que sinto. Outra coisa! As pessoas hoje em dia só olham para um rostinho bonito e não se importam com a beleza interior, isso é muito comum. Quando posto uma imagem geralmente é para trocar a imagem do perfil, não fico muito tempo com a imagem do perfil igual, não consigo. (Laura, 21 anos).

A construção da narrativa no site de rede social Facebook utilizada por Icaro, 17 anos, estudante do primeiro ano de ensino médio não é diferente. O jovem publica imagens suas e compartilha imagens letras de música com a intenção de receber curtidas de seus amigos. Dessa forma, o jovem acredita que está transmitindo aos amigos virtuais um pouco de como ele é no dia a dia.

Compartilho com meus amigos do Facebook muitas imagens. Gosto de tirar fotos e compartilho desde imagens minhas quanto de pessoas que gosto. Se eu achar uma notícia legal da Lady Gaga e tiver uma imagem legal eu compartilho. Também compartilho imagens que tem escrito a letra de música, gosto de cantar, canto na igreja. (Icaro, 17 anos).

Imagem 1: compartilhamento de uma montagem da página da página de entretenimento “Cifras”.



Fonte: reprodução perfil do interlocutor no site de rede social Facebook

O jovem explica que suas fotos e com os amigos, geralmente, são mais curtidas que as outras publicações feitas na rede social, porém, que pouco publica no site após ter feito o download do comunicador instantâneo Whatsapp.

As fotografias que eu publico, sabe as *selfie*, pode ser só eu, mas também posto com meus amigos. Elas são bem mais curtidas que as imagem que eu compartilho de outras páginas. Gosto de publicar fotos, porém, agora estou usando bem mais o whatsapp para conversar com os meus amigos do que publicar coisas no Facebook. Ainda tenho, mas estou usando pouco agora (Icaro, 17 anos).

Imagem 2 – *Printscreen* de duas fotografias no perfil de Icaro



Fonte: Perfil de Icaro no site de rede social Facebook

Nesta perspectiva, o telefone celular assume características de um dispositivo capaz de construir e armazenar fragmentos de memórias cotidianas que por ventura podem ser compartilhadas, não somente, através das redes sociais digitais. No caso do compartilhamento com as redes sociais digitais, como exemplo do Facebook, as publicações ganham novas dinâmicas e são impulsionadas através interações com os membros que compõem a rede social de cada sujeito presente no site. Sendo assim, os celulares podem ser considerados um dispositivo sociocultural tecnoafetivo.

Considerações Finais

Neste artigo apresentamos alguns dados referente a uma pesquisa etnográfica sobre o consumo de telefones celulares - *smartphones* - por jovens de um bairro popular da cidade de Santa Maria, interior do Rio Grande do Sul, buscando compreender como esse dispositivo é capaz de colaborar com a sociabilidade digital desenvolvida por esses sujeitos, mais especificamente através das práticas afetivas no ato de publicar em um site de rede social suas elaborações afetivas. Dessa forma, podemos perceber que a posse do telefone celular no Brasil vem crescendo desde sua entrada no mercado, no início da década de 1990, no entanto, percebemos que o acesso a essa tecnologia vem sendo apropriada não somente pelos adolescentes, mas também por adultos e idosos. Para os jovens o telefone celular é um dispositivo composto por múltiplas funcionalidades, utiliza-se do dispositivo, muitas vezes, para tirar foto, ouvir música, escrever mensagens de textos e realizar montagens de vídeos com aplicativos. Já adultos, que domesticam as tecnologias, e idosos tendem a utilizar o telefone celular como forma de contato com seus familiares.

No que tange, a afetividade buscamos no conceito de tecnologia afetiva (LASSEN, 2004; 2005), compreender como esse dispositivo potencializa a construção afetiva dos jovens no site de rede social Facebook. Apesar do dispositivo permitir múltiplas conexões, é na Internet que os jovens, desse pesquisa, potencializam seus sentimentos e são capazes de demonstrar a afetividade que muitas vezes não é demonstrada no cotidiano. As narrativas afetivas empregadas pelos jovens no site de rede social Facebook mostram que as imagens sejam elas fotografias, montagens ou vídeos acabam construindo uma memória de experiências cotidianas que podem ser consideradas como micromemórias do cotidiano, empregadas como forma de representação do “eu” e do “nós” nos espaços digitais. Nessa concepção, o telefone celular ganha uma perspectiva de tecnologia afetiva pois é capaz de guardar e construir pontes entre o sujeito e sua memória afetiva, através do armazenamento de pequenos fragmentos construídos através de experiências diárias depositadas no eletrônico.

REFERÊNCIAS

ANITELLI, Fernando. **A Fé é Solúvel**. IN: O Teatro Mágico, Faixa 17 do CD “Entrada para Raros”, 2003.

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Tradução de Dora Flaksman. 2ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BARROS, Carla. Sociabilidade e “territorialidade” no universo digital: transitando em contextos tecnológicos de jovens de camadas populares. IN: BARBOSA, Livia (Org). **Juventudes e gerações no Brasil contemporâneo**. Porto Alegre: Sulina, 2012. pp. 97-120.

BOURDIEU, Pierre. A "juventude" é apenas uma palavra: IN: BOURDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. pp. 112-121.

BRASIL. Lei nº 12.852 de 5 de agosto de 2013. Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude - SINAJUVE. In: **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 6. ago. 2013. Disponível em: <<http://goo.gl/KUK0M1>> - Último acesso em: 28. mar. 2015

_____. BRASIL. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios: Acesso à Internet e à Televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal**. Rio de Janeiro: IBGE, 2015.

CASTELLS, Manuel; FERNÁNDEZ-ARDÈVOL, Mireia; QIU, Jack Linchuan; SEY, Araba. **Mobile Communication and Society: a global perspective**. Cambridge: MIT Press, 2007.

CASTRO, Gisela. Screenagers: entretenimento, comunicação e consume na cultura digital. IN: BARBOSA, Livia (Org). **Juventudes e gerações no Brasil contemporâneo**. Porto Alegre: Sulina, 2012. pp. 61-77.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina. 2013.

LASEN, Amparo. **Understanding mobile phone users and usage**. Vodafone Group. 2005

_____. **Affective Technologies: emotions and mobile phones**. Surrey: The Digital World Research Centre, 2004. Disponível em: < <http://goo.gl/xJyzo>> 22. jun. 2014

LEMOS, André. Comunicação e Práticas Sociais no Espaço Urbano: as características dos dispositivos híbridos móveis de conexão multirredes (DHMCM). IN: **Revista Comunicação, Mídia e Consumo**. São Paulo. v.4, n.10, 2007. pp. 23-40.

NORMAN, Donald. **Design emocional: por que adoramos (ou detestamos) os objetos do dia-a-dia**. Tradução de Ana Deiró. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

N

TELECO. **Estatísticas de Celulares no Brasil**. Disponível em: < <http://goo.gl/praqeI>> Último acesso em: 25.mai.2015.

WINOCUR, **Robinson Crusoe ya tiene celular: La conexión como espacio de control de la incertidumbre**. México: Siglo XXI, 2009.